

# A América Latina e os desafios da globalização: ensaios dedicados a Ruy Mauro Marini\*

Emir Sader e Theotônio dos Santos (coords.) e Carlos Eduardo Martins e Adrián Sotelo Valencia (orgs.)

## **Celebrando a vida e o pensamento de Ruy Mauro Marini\*\***

por Ronald H. Chilcote\*\*\*

O falecido economista político brasileiro, Ruy Mauro Marino, considerava o subdesenvolvimento como o resultado do capitalismo dependente na América Latina. Ele identificou o subimperialismo para ajudar a entender esta condição no interior de uma economia dependente e destacar uma de suas conseqüências, a superexploração do trabalho (1973). O subimperialismo, ele acreditava, compreende dois componentes, um relacionado com a política nacional a respeito da produtividade e da força de trabalho e o outro, com uma política expansionista autônoma: “por um lado, uma composição orgânica média sobre a escala mundial de aparatos nacionais produtivos e, por outro, o exercício de uma política expansionista relativamente autônoma, a qual não é somente acompanhada por uma grande integração no sistema produtivo imperialista, mas também é mantida sob a hegemonia exercida pelo imperialismo em uma escala internacional” (Marini 1978: 34-35). Após o golpe de 1964 no Brasil, o governo militar lançou sua ofensiva contra as forças populares, enquanto reforçava a coalizão das classes dirigentes – entre a burguesia e a oligarquia latifundiária-mercantil – facilitando investimentos e a introdução de novas tecnologias e promovendo a capitalização, especialmente no campo. Seu capitalismo doméstico, entretanto, era incapaz de efetuar qualquer ampla mudança na economia nacional, sua burguesia nacional era insignificante no desenvolvimento do Brasil e o desenvolvimento nacional

---

\* Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Boitempo, 2009.

\*\* Tradução de Sávio Cavalcante, doutorando em Sociologia pela Unicamp, e Lúcio Flávio de Almeida, Departamento de Política da PUC-SP e coordenador do NEILS.

\*\*\* Professor de Economia e Ciência Política da Universidade da Califórnia, Riverside. É um dos fundadores e o editor-chefe da *Latin American Perspectives*, em cujo número de outubro/09 esta resenha também será publicada.

autônomo não poderia ocorrer (Marini, 1969: 115). O principal problema era que o mercado interno não poderia absorver o aumento da produtividade, uma contradição parcialmente solucionável por intermédio de uma expansão para novos mercados, especialmente seus países vizinhos na América do Sul. Assim, o investimento governamental em projetos com seus vizinhos era um meio de modelar seu subimperialismo.

Com sua ênfase explícita na revolução, Marini diferiu de outros interessados em dependência. Argumentou que a resposta dos trabalhadores para a sua situação conduziria o Brasil em um processo revolucionário. A solidariedade entre as classes exploradas e a emergência de um vasto movimento político aguçariam a contradição entre a burguesia e a oligarquia latifundiária-mercantil e impediriam que a primeira recorresse ao investimento estrangeiro, impelindo-a rumo ao desenvolvimento autônomo. Ao invés de reformas e compromissos, Marini acreditou que a classe trabalhadora recorreria à luta revolucionária contra o subimperialismo da burguesia e contra o próprio imperialismo (Marini, 1969: 119-120).

Ruy Mauro Marini uniu-se ao conselho editorial da *Latin American Perspectives* em 1982 e serviu por dezesseis anos como um editor-colaborador. Posteriormente, eu o entrevistei no Rio de Janeiro. Ele descreveu seus dias de estudante como de “um esquerdista independente, desconfiado do stalinismo e do dogmatismo”. Em 1958 ele estudou política na França, leu Marx e Lênin e “emergiu com uma visão de mundo não possível no Brasil”. Em 1961, uniu-se a Michael Löwy, Luiz Alberto Moniz Bandeira, Eder e Emir Sader, Theotônio dos Santos e outros em “uma tentativa de recuperar o marxismo de sua face dogmática” e na formação da Organização Revolucionária Marxista Política Operária, comumente conhecida pelo nome de Política Operária (POLOP) e seu jornal com o mesmo nome. Em 1965, foi encarcerado por seis meses e, em seguida, exilou-se no México. Seu primeiro trabalho sobre o imperialismo voltou-se para o subimperialismo e a dependência. Juntou-se a Santos e outros no Chile até o golpe de lá, em setembro de 1973: “Nós tivemos essas idéias no exterior, na busca de uma nova teoria da dependência. Nunca foi uma teoria acadêmica, somente um esforço político”<sup>1</sup>. A implicação disto é que não há necessidade de se exagerar uma “teoria” da dependência, mas enfatizar conceitos importantes que podem ajudar na compreensão da dependência e na luta para superar o atraso e a exploração dos trabalhadores na América Latina.

Ele era relativamente desconhecido fora da América Latina porque muito pouco de seu trabalho foi traduzido para o inglês, mas seu pensamento era muito influente e relevante. Já é hora de reconhecermos seus méritos e uma nova coletânea de ensaios em memória e honra de seu trabalho acaba de publicada. Provavelmente inspirada por dois de seus primeiros colegas políticos, Emir Sader e Theotônio dos Santos, esta antologia compreende 16 ensaios. Os três ensaios da primeira

---

<sup>1</sup> Entrevista com Ruy Mauro Marini, Rio de Janeiro, 30 de julho de 1991.

parte tratam diretamente de Marini e seu trabalho, com Santos o chamando de “um pensador latino-americano” e “militante clandestino, prisioneiro torturado (...) exilado em tantas terras (...)” (p. 24) e Sader o caracterizando como “o melhor exemplo de um intelectual revolucionário na América Latina” (p. 27), enquanto Ana Esther Ceceña nos recorda que seu trabalho “propõe uma reinterpretação da história do capitalismo” (p. 41).

A segunda parte do livro aborda a globalização e a dependência com ensaios de Immanuel Wallerstein, André Gunder Franck, Adrián Sotelo Valencia e Orlando Caputo Leiva. Sotelo Valencia, que era pesquisador assistente de Marini nos anos 1970-1980, centra o foco no imperialismo e na dependência e examina “novas periferias” na economia mundial. Reporta-se aos primeiros trabalhos de Marini e, em particular, a quatro de suas proposições para uma análise da globalização do sistema capitalista contemporâneo.

A terceira parte contém ensaios de Jaime Osorio, Carlos Eduardo Martins, Pierre Salama, e Marcelo Dias Carcanholo e examina o conceito de superexploração que foi elaborado no contexto das reflexões de Marini sobre trabalho, mais-valia absoluta e dependência. Jaime Osorio centra-se na superexploração e a relaciona com Marx e o marxismo, primeiro mostrando que ela não aparece em *O Capital* e que tem sido amplamente criticada. Carlos Eduardo Martins também analisa o conceito de superexploração tal como elaborado no estudo sobre a dependência de Marini em 1973: “tal conceito constitui um dos principais pilares da teoria marxista de dependência” (p. 189). Martins avalia os avanços teóricos deste conceito e temas para uma análise quantitativa, além de contra-atacar a crítica de que a formulação de Marini era “circulacionista” em vez de estar fundamentada na produção capitalista. Pierre Salama examina o pensamento de Marini sobre a mais-valia absoluta e faz uso de uma análise teórica e empírica do livre comércio na América Latina. Por fim, Marcelo Dias Carcanholo retorna a Marini e à “dialética do desenvolvimento periférico” e mostra que, apesar de uma elevação da mais-valia devido à superexploração, a acumulação capitalista se abrandou durante a década de 1990.

A quarta e última parte desta coleção inclui ensaios de Marco Gandáségui, Lucio Fernando Oliver Costilla, Owaldo Munteal, Francisco López Segrera e Cristóbal Kay. Gandáségui revisita a década de 1970 e os trabalhos de Marini e Agustín Cueva, e tenta “demonstrar que (...) a teoria da dependência ainda tem vigência e que pode ser aplicada em escala global e também nas análises por região e mesmo por país (por cada formação social)” (p. 268). Seu ensaio, ao comparar os pensamentos de Cueva e de Marini, é uma útil revisão de seus debates, diferenças e da evolução das idéias daquele período. Oliver Costilla situa Marini no interior da vida intelectual mexicana durante seus vários anos de exílio por lá. Munteal situa as idéias de Marini no interior do pensamento brasileiro. López-Segrera enaltece

Marini como o “pai fundador da teoria marxista da dependência [e] a importância que tiveram os seus conceitos de subimperialismo e superexploração” (p. 333), bem como assinala que alguns dos trabalhos iniciais de Marini foram primeiramente publicados em Cuba e que essas idéias foram influentes no pensamento cubano. Em sua visão geral das teorias estruturalista e da dependência, Cristóbal Kay afirma que Marini “não somente deu a maior contribuição para a teoria crítica social latino-americana, mas também para o marxismo na América Latina, especialmente através dos seus escritos sobre a teoria da dependência” (p. 361).

Os ensaios na parte final do livro se voltam para uma renovação da dependência enquanto teoria. Isto se deve, em parte, à atenção dada a Marini e suas idéias do passado. Outros ensaios, como, por exemplo, o de Martins na terceira parte, recorrem a Marini como um alicerce para uma análise crítica e para a compreensão da economia política contemporânea e do capitalismo global. Não há dúvida de que a dependência pode se tornar um conceito útil tanto em relação a Marx quanto para as teorizações formuladas por seus seguidores acerca do atraso e do subdesenvolvimento. Marini forneceu idéias concretas, como superexploração e sub-imperialismo, para a elaboração de teorias fundadas em análises empíricas. Muitos dos autores desta publicação movem-se nessa direção.

*LAP* vivenciou ciclos de debates sobre essas questões. Foi fundada em torno de um polêmico debate sobre a dependência e, ao longo dos anos, a revista tem tentado passar a outras questões<sup>2</sup>. Certa vez, em uma análise bastante sofisticada, Enrique Dussel (1990) mostrou-nos como a dependência seria relevante para Marx em uma análise do capitalismo. Da mesma forma, os esforços realizados pelos autores desta antologia oferecem uma significativa contribuição para extrair conceitos relevantes do pensamento de Marini e Marx e aplicá-los à economia capitalista global que hoje emerge.

### **Bibliografia**

- CHILCOTE, Ronald H. (org.). (2003). *Development in Theory and Practice*. Boulder, Colorado: Rowman and Littlefield.
- DUSSELL, Enrique. (1990). “Marx’s Economic Manuscripts of 1861-63 and the ‘Concept’ of Dependency,” *Latin American Perspectives* 17 (Spring) 62-101.
- MARINI, Ruy Mauro. (1969). *Subdesarrollo y revolución*. Mexico City: Siglo Veintiuno Editores.
- \_\_\_\_\_. (1973). *Dialéctica de la dependencia*. Mexico City: Ediciones Era.
- \_\_\_\_\_. (1978). “World Capitalist Accumulation and Sub-imperialism”. *Two Thirds* 1 (Fall), 29-39.

<sup>2</sup> Para detalhes dos debates, das várias direções teóricas, estudos de caso e assim por diante, ver Chilcote (2003).